



Timeline da ephemera ao big data



PUC  
RIO

**PUC-Rio, 2019.1**

Departamento de Artes e Design

Projeto Final de Comunicação Visual

Orientadores: Luiz Ludwig e Izabel Oliveira

Tutor: Fábio Lopez

Aluna: Alice Lerner Garcia

Título: Timeline da ephemera ao big data

x

x

**Pesquisa**

## Ponto de partida: ephemeris

Não sei se o termo adequado seria acumuladora, colecionadora, ou simplesmente obsessiva, mas o fato é que eu guardo uma quantidade exorbitante de impressos (bilhetes de metrô, entradas de cinema, encarte de exposição, mapas, cartões de visita...) dos quais sou incapaz de me desfazer.

No início da minha idealização deste projeto, olhei para essa infinidade de material e comecei a me fazer algumas perguntas sobre a natureza dessas peças gráficas que "imploram pra serem guardadas" e os seus possíveis desdobramentos em um ambiente digital que irá gradativamente incorporá-las.



## e .phem .e .ra noun

ephem·era | \ i-'fe-mər-ə , -'fem-rə\  
plural ephemera also ephemerae\ i-'fe-mər-ē , -'fem-rē \ or ephemeris

### Definition of ephemera

1. something of no lasting significance –usually used in plural
2. ephemera plural: paper items (such as posters, broadsides, and tickets) that were originally meant to be discarded after use but have since become collectibles
3. items of collectible memorabilia, typically written or printed ones, that were originally expected to have only short-term usefulness or popularity.



A partir da observação inicial desses impressos que eu logo descobri se chamarem ephemeris, busquei compreendê-los mais profundamente, analisando seu apelo afetivo e narrativo.

### What we keep:

Com as mudanças climáticas e os decorrentes desastres ambientais como enchentes, terremotos e incêndios, muitas pessoas têm se deparado com uma antiga dúvida agora não mais tão teórica: "O que eu levaria?".

Brincando com esse cenário hipotético, os escritores Bill Shapiro e Naomi Wax começaram a entrevistar pessoas para entender sua relação com os objetos e saber, justamente, o que cada uma delas levaria "em tempo real e com consequências de partir o coração".

Em sua pesquisa, os autores nos lembram que não é somente o clima que está mudando: nossa relação com os objetos vêm sendo profundamente alterada pelo Zeitgeist do momento, dominado pela ideia de 'possuir menos'.

"Nossos livros, músicas e fotografias se mudaram dos nossos armários para a nuvem, e a 'economia colaborativa' nos encoraja a pegar as coisas emprestado ao invés de possuí-las; ao mesmo tempo, estamos vendo uma mudança cultural em direção à valorizar experiências em detrimento de coisas. E

com o movimento 'Tiny House' incentivando os americanos a trocar a McMansion por um apartamento-super-organizado de 400 pés quadrados, não é surpreendente que Marie Kondo tenha vendido mais de 5 milhões de livros nos incitando a nos livrar daquelas posses que falham em trazer alegria"

Shapiro e Wax se debruçam sobre as razões que tornam os mais diferentes e inesperados objetos peças centrais na vida das pessoas, e nos contam que nem um indivíduo sequer, dentre as centenas de entrevistados, usou qualquer parâmetro monetário na escolha do seu exemplar. Essa observação é particularmente interessante no contexto desse projeto porque comprova a teoria, já desenvolvida por outros autores, de que na roda da reavaliação da relação homem-objeto, é o caráter afetivo-representativo que faz com que alguma coisa ainda valha a pena de ser guardada.

Donald Norman, em seu livro "Design Emocional", fala sobre os objetos que evocam lembranças: [...] Aparência da superfície e utilidade comportamental desempenham papéis relativamente pequenos. O que realmente importa é a história da interação, as associações que as pessoas têm com os objetos e as lembranças que eles evocam."

Quando falamos na história como elemento central no valor afetivo dos objetos, fica claro que existe, de fato, uma tentativa de aprisionamento

do tempo, a ser cristalizado na materialidade de alguma coisa que o representará dali em diante. Os desdobramentos disso são bem analisados no livro *The meaning of things*, dos autores Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Rochberg-Halton, que demonstra por meio da análise de entrevistas o papel central que os objetos que nos cercam desempenham na criação das nossas narrativas individuais e na consolidação da nossa identidade.

### Design Emocional:

Donald Norman fala à respeito da exposição "Monumentos em miniatura", que aborda o papel dos souvenirs na evocação de lembranças e seu impacto emocional sobre seus donos: "Nós que estávamos admirando aquelas miniaturas não tínhamos necessariamente nenhuma ligação emocional com os objetos - afinal, não eram nossos; tinham sido colecionados e expostos por outra pessoa. Entretanto, enquanto ia caminhando e vendo a exposição, senti-me mais atraído pelos souvenirs de lugares que eu mesmo havia visitado, talvez porque eles me trouxessem recordações daquelas visitas. Contudo, tivesse qualquer uma delas sido emocionalmente negativa, eu teria rapidamente me afastado e seguido adiante para escapar - não do objeto, mas das recordações que ele despertava em mim". As experiências compartilhadas são, segundo

Norman, um possível ponto de convergência entre pessoas com vivências bastante distintas, mas é importante observar como essa proximidade trazida pelos “interesses em comum” vem sendo usada no meio digital de forma artificial, forjando conexões alheias aos nossos reais interesses e benefícios. No livro *What we keep*, pelo contrário, os autores argumentam que o objeto, uma vez separado de sua história, começa a perder gradativamente sua importância, até tornar-se irrelevante ou, pelo menos, atribuído de novos sentidos.

### **E como funciona no ambiente digital?**

Muitas pessoas têm falado sobre as transformações trazidas pelos novos hábitos digitais. Ansiedade, depressão, burnout, solidão... A lista é longa. Trata-se de um assunto demasiado complexo e seria uma mistura de pretensão com leviandade tentar analisá-lo aqui de forma comprometida. A pesquisadora Paula Sibília, no entanto, traz algumas reflexões sobre o tema que considero interessantes para o propósito aqui trabalhado. Em seu livro “O show do Eu”, publicado em 2008 pela editora Nova Fronteira, ela fala sobre três perspectivas para a análise subjetiva.

### **Análise subjetiva: singular, universal e específica.**

Paula Sibília afirma que as experiências subjetivas podem ser compreendidas desde três pontos de vista diferentes. O primeiro é o aspecto singular, “cuja análise focaliza a trajetória de cada indivíduo como um sujeito único e irrepetível”; tarefa da psicanálise para a elucidação da qual trago algumas passagens da tese de doutorado da psicanalista Flavia Hasky.

Flavia Apud Audibert, 2008:

“O traço dessa dependência vital segue nos impelindo a estar com outros a nosso redor, outros em relação a quem temos a necessidade de sermos compreendidos, amados e protegidos. Cada um deve então encontrar desde a mais tenra idade seus pequenos ou grandes arranjos face a seu être-seul (ser-sozinho), à medida em que irão ocorrendo os eventos da vida”

Em outro momento, lembrando as postulações Lacanianas presentes no “Estádio do espelho”, Flavia cita Flanzer para pontuar que:

“o estádio constitutivo do sujeito, conferido a ele pelo Outro, efetiva-se como sendo também o lugar da perda deste Outro. No momento em que o Outro lança sobre o sujeito a possibilidade de fazer dele uma unidade, ao designar: “você é Fulano”, neste mesmo momento o sujeito passa a experimentar sua radical alteridade. Pois, ao constituir-se como Fulano, se Fulano ele é, já não pode mais contar com Beltrano, e nem com Cicrano, como partes coladas de si” (Flavia Apud Flanzer, 2004, p.95)

No extremo oposto do que é singular, Sibília nos apresenta a dimensão universal da subjetividade “que abrange todas as características comuns ao gênero humano, tais como a inscrição corporal de cada sujeito e sua organização por meio da linguagem” estudo este que fica a cargo da biologia ou da linguística, por exemplo.

Mas a mais interessante das abordagens trazidas pela autora encontra-se precisamente entre os dois extremos recém descritos, num nível intermediário de análise que ela chama de particular ou específico e que busca detectar os “elementos comuns a alguns sujeitos mas não necessariamente inerentes a todos os seres humanos”. Basicamente a forma como a cultura e as forças que dela resultam influenciam as novas formas de ser e estar no mundo.



## 3 perspectivas para análise subjetiva



### SINGULAR

sujeito único e  
irrepetível

psicanálise  
arte



### ESPECÍFICA

aspectos culturais  
da subjetividade

sociedade disciplinar  
sociedade do controle  
sociedade do espetáculo



### UNIVERSAL

características  
comuns ao gênero  
humano

biologia  
linguística

## **Análise específica: Sociedade disciplinar, Sociedade do controle e Sociedade do espetáculo**

É no nível analítico - nem singular, nem universal; mas particular, histórico e cultural - que Michel Foucault estudou os mecanismos de disciplinamento nas sociedades industriais. A rede micropolítica analisada pelo filósofo reunia uma série de práticas e discursos que agiam sobre os corpos humanos fazendo com que as pessoas desenvolvessem certos modos específicos de estar no mundo, pautados pelo *modus operandi* do enclausuramento. Pelas palavras de Paula Sibilia:

“Foram engendrados, assim, certos tipos de subjetividades hegemônicas da era moderna, dotadas de determinadas habilidades e aptidões, mas também de certas incapacidades e carências. Segundo Foucault, nessa época foram construídos corpos ‘dóceis e úteis’, organismos capacitados para funcionar de maneira mais eficaz dentro do projeto histórico do capitalismo industrial”

Mas este cenário vem mudando bastante conforme as regras sociais se remodelam, exigindo a criação de novas formas de estar no mundo que sejam condizentes com as demandas do mercado atualizado. Vários autores têm tentado mapear essas mudanças, dentre eles Gilles Deleuze, que em 1990 chamou de

“sociedade do controle” o “novo monstro” também por ele apelidado. Segundo o filósofo francês o novo capitalismo, agora mais desenvolvido, se caracteriza pela superprodução e pelo consumo exacerbado, funcionando de acordo com novos parâmetros que transcendem a binaridade que a antecede. O essencial não é mais uma assinatura, nem um número, mas uma cifra:

“A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “dividuais”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “bancos”. É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro – que servia de medida padrão –, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda.”

Deleuze descreve o avanço das máquinas manejadas por cada tipo de sociedade ao longo do tempo e conclui que essa transformação “Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo”. Nesse aspecto o filósofo paulista Rogério da Costa traz reflexões interessantes a partir do texto de

Deleuze no que tange à forma como os dispositivos de controle se ocupam, nessas novas sociedades, “das informações resultantes das várias ações dos indivíduos.”

Costa chama atenção para os padrões de comportamento que surgem na nova dinâmica de controle que representam justamente a análise do registro impessoal de todas as nossas ações. Ou seja, o conteúdo atrelado ao sujeito singular é deixado de lado para dar lugar a uma construção de padrões que transformam os indivíduos em “códigos digitais dentro de uma amostra específica”.

O filósofo nos lembra que nas sociedades disciplinares de Foucault constrói-se uma polarização entre uma suposta opacidade do poder e a transparência dos indivíduos, estes últimos sendo constantemente vigiados pelo poder desde sua perspectiva privilegiada. A observação se faz unilateral por meio da imagem do panóptico e, nesse contexto, “parece que a reivindicação fundamental seria: maior transparência do poder, para que possamos ver quem vive nos espionando.”

Naturalmente, essa crença encheu de expectativa a chegada da web e a suposta transparência que ela nos ofereceria; liberdade de expressão, acesso democrático à informação e deformação dos velhos esquemas de poder.

No entanto, as novas ferramentas da Era Digital parecem ter reforçado as estruturas de poder ao invés de rompê-las. Paula Sibilia já levantava a

questão em 2008, acertando em dois prognósticos bastante interessantes.

Sobre o sequestro da criatividade das pessoas comuns e sua transformação no “combustível de luxo do capitalismo”:

“são muito astuciosos os dispositivos de poder que entram em jogo, ávidos por capturar todo e qualquer vestígio de “criatividade bem-sucedida”, a fim de transformá-lo velozmente em mercadoria.”

Sobre os perigos da publicidade direcionada, à época recém lançada pelo MySpace:

“Um representante do MySpace ilustrou seu otimismo (com os dados demográficos extraídos dos formulários de cadastramento) com o exemplo de uma usuária da rede social que gosta de moda e ‘escreve em seu blog acerca das tendências da temporada, ela chega inclusive a nos contar que precisa de um par de botas novas para o outono’. A conclusão parece óbvia: ‘quem não gostaria de ser o anunciante capaz de lhe vender esses sapatos?’”

É também no nível específico da análise subjetiva que a autora localiza as mudanças culturais trazidas pela internet. Ela atenta para o surgimento de uma “sociedade altamente midiaticizada, fascinada pela incitação à visibilidade e pelo império das celebridades” onde cada indivíduo se torna uma

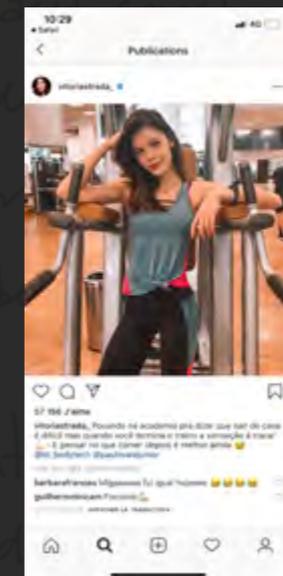
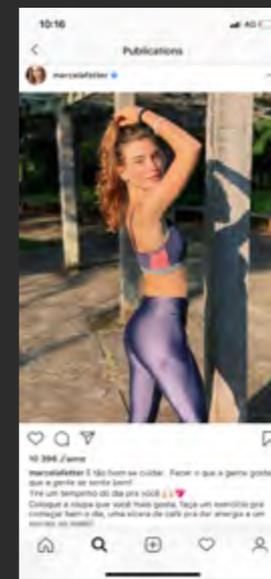
personalidade cuja construção de si é orientada para o olhar alheio. Sibília busca compreender como o aspecto confessional dos primeiros anos de internet foi decisivo na autoconstrução dos sujeitos na medida em que pessoas comuns começaram a se apropriar das novas ferramentas para expor publicamente sua intimidade gerando um “festival de vidas privadas”. Uma verdadeira sociedade do espetáculo que a autora chama de “O show do eu”.

### A substituição da materialidade pela intimidade

Para entender o fenômeno da exibição da intimidade, Sibília atenta para a linha cada vez mais tênue entre vida e obra, que se confundem em uma sociedade cujos indivíduos expõe constantemente versões de si mesmos por meio de imagens de cenas da vida privada, mais ou menos editada.

A autora revisita os gêneros autobiográficos para apontar neles algumas características marcantes da prática cada vez mais disseminada nos ambientes digitais: narrar a própria vida como recurso de validação da mesma.

“A própria vida só passa a existir como tal, só se converte em Minha Vida quando ela assume seu caráter narrativo e é relatada na primeira pessoa do singular”



Sibilia argumenta que a sofisticação das artimanhas retóricas tem tornado cada vez mais difícil identificar a autenticidade da biografia, supostamente ancorada na “garantia de uma existência real”, e cita Philippe Lejeune para afirmar que é nas relações entre autores e leitores que se encontram as especificidades dos gêneros autobiográficos. Diz Lejeune:

“As obras autobiográficas se diferenciam de todas as demais porque estabelecem um “pacto de leitura” que as consagra como tais. Em que consiste tal pacto? Na crença, por parte do leitor, de que coincidem as identidades do autor, do narrador e do protagonista da história que está sendo contada.”

Sibilia segue falando sobre a decadência da leitura ficcional:

“Aos poucos, nossas narrativas vitais foram abandonando as páginas dos romances clássicos(...) Compassando o declínio da cultura letrada, bem como os avanços da civilização da imagem e da sociedade do espetáculo, as velhas exalações de palavras plasmadas em papel parecem ter perdido seu antigo vigor”.

A autora anuncia a tragédia do fim da leitura de livros impressos de forma mais alarmista e conservadora do que eu o faria, mas ainda assim interessante para o desenvolvimento dessa hipótese

## X música “livros” de Caetano Veloso

Tropeçavas nos astros desastrada  
Quase não tínhamos livros em casa  
E a cidade não tinha livraria  
Mas os livros que em nossa vida entraram  
São como a radiação de um corpo negro  
Apontando pra a expansão do Universo  
Porque a frase, o conceito, o enredo, o verso  
(E, sem dúvida, sobretudo o verso)  
É o que pode lançar mundos no mundo.

Tropeçavas nos astros desastrada  
Sem saber que a ventura e a desventura  
Dessa estrada que vai do nada ao nada  
São livros e o luar contra a cultura.

Os livros são objetos transcendententes  
**Mas podemos amá-los do amor táctil**  
Que votamos aos maços de cigarro  
Domá-los, cultivá-los em aquários,  
Em estantes, gaiolas, em fogueiras  
Ou lançá-los pra fora das janelas  
(Talvez isso nos livre de lançarmo-nos)  
Ou o que é muito pior por odiarmo-los  
Podemos simplesmente escrever um:

Encher de vãs palavras muitas páginas  
E de mais confusão as prateleiras.  
Tropeçavas nos astros desastrada  
Mas pra mim foste a estrela entre as estrelas.

específica, que se baseia no fato dos novos suportes de leitura estarem mudando a maneira como os autores e leitores se relacionam com ela.

“À materialidade áspera e tangível da folha de papel, do caderno, da tinta, das capas duras e do envelope, opõe-se a etérea virtualidade dos dados eletrônicos (...) após digitarmos no teclado os signos se propagam na magia etérea dos impulsos elétricos e passam a brilhar na tela do monitor. Convertem-se em pura luz intangível, algo que aparenta não possuir qualquer consistência material”.

É a referência às cartas e aos diários que vem trazendo às experiências digitais uma certa aura sagrada que na sua (i)materialidade parece deixar de existir já que, no sentido apontado por Walter Benjamin, perde-se uma certa autenticidade, um caráter único que emanava de sua originalidade material, do fato de não serem cópias infinitamente reproduzíveis por meios técnicos.

Com o surgimento das tecnologias digitais e a sua inédita capacidade reprodutiva, extingue-se a possibilidade de aura antes presente por efeito da materialidade dos analógicos.

“Contudo, as escritas de si ainda parecem exalar uma potência aurática sempre latente, embora essa qualidade não resida nos objetos criados mas em

sua referência autoral. Os acontecimentos neles relatados são tidos como autênticos e verdadeiros porque supõe-se que são experiências íntimas de um indivíduo real: o autor, narrador e personagem principal da história.”

Esse ser único e original, por mais irrelevante que seja, é banhado de autenticidade pois se expressa por meio dos fatos do gênero autobiográfico que são considerados verídicos e, inclusive, verificáveis.

“Por isso, às vezes, nos escritos éxtimos que circulam pela internet ainda parece assomar algum vestígio longínquo da velha aura. Ou, quem sabe, uma vontade sempre frustrada de recuperar essa originalidade perdida. Talvez isso aconteça porque esses relatos estão envolvidos em um halo autoral que remete, por definição, a uma certa autenticidade – algo que se hospeda no próprio coração do “pacto da leitura” antes mencionado – e implica uma referência a alguma verdade, um vínculo com uma vida real e com um eu que assina, narra e vive o que se conta.”

Com base no processo de autenticação do diário êxtimo explicitado por Sibília, podemos observar um gradativo deslocamento do valor antes atribuído à matéria, que agora se transfere para a intimidade. Em um cenário onde a reprodutibilidade técnica chega a níveis nunca antes imagináveis, com inteligências

artificiais criando milhares de rostos humanos que dispensam a necessidade de direito de imagem, a hipótese da pesquisadora de que o pilar sustentador da autenticidade seja o espírito autobiográfico trazido pela narração da intimidade é surpreendentemente atual.

A compreensão dessa intimidade como espetáculo proposta por Sibília sob a ótica da relação com as ephemerhas que vinha sendo observada desde o início da pesquisa me levou a dois conceitos que se tornaram centrais na minha argumentação:

## Guardar & Compartilhar

**Dois conceitos antes antagônicos passam por um processo de hibridização conforme as pessoas começam a utilizar o compartilhamento como recurso de construção e validação de suas próprias histórias.**

## Guardar X Compartilhar

Uma vez que passamos a compartilhar nossa intimidade como nunca antes, anunciam-se três questões centrais: compartilhar *O QUE*, *COM QUEM* e *COMO*?

### Compartilhar O QUE?

No mundo digital, nossas informações individuais se tornam dados pessoais (user-generated data). Existem várias naturezas distintas de dados pessoais e conforme as tecnologias se desenvolvem para aprimorar as possibilidades de monitoramento, muitas outras vão surgir. Enquanto isso, poucas pessoas de fato entendem a arquitetura por trás do tráfego e uso desses dados, enquanto a grande maioria dos usuários permanece paralisado e confuso a respeito do que está acontecendo.

Na maioria dos casos, nós sabemos que algum dado está sendo coletado, mas não temos conhecimento de que outras informações estão sendo angariadas por tabela.

Para o escopo deste projeto, selecionei 5 naturezas de dados pessoais a serem questionadas. São elas: **dados de cadastro, dados de navegação, dados bancários, dados de saúde e dados de imagem**. Para cada um desses casos, conversei

com algumas pessoas para entender quais são as questões que "pairam no ar". Observei, nessas conversas, que as dúvidas em geral se referem ao destinatário dessas informações. O que nos leva a segunda pergunta.

### Compartilhar COM QUEM?

Em 2014 a Cambridge Analytica começou a recolher dados pessoais de mais de 87 milhões de usuários que foram utilizados para ajudar políticos a influenciar a opinião de eleitores em seus países. Enquanto isso, Mark Zuckerberg coloca panos quentes no senado americano com uma mão e forma o maior cartel de comunicações já imaginado com a outra. Em paralelo, milhares de outras empresas vem sendo discretamente processadas por desenvolver estratégias de marketing baseadas em informações que não lhe foram legalmente concedidas. Isso sem falar nos intermediários, dos quais a gente se quer toma conhecimento. Explico:

O trade-off entre os dados que você fornece e o serviço que recebe em troca pode ou não valer a pena, dependendo do caso e dos seus parâmetros de privacidade. Mas entre nós e os serviços que nos são prestados existe uma categoria que coleta, analisa e vende informações nossas sem

qualquer espécie de contrapartida: data brokers. Os data brokers são empresas que conseguem coletar todas as informações públicas de qualquer pessoa, desde informações de propriedades até histórico judicial, podendo angariar também registros médicos, histórico de navegação, conexões nas redes sociais e compras online.

As informações coletadas pelos data brokers podem ser imprecisas, mas mesmo assim são de grande valor para empresas, anunciantes e investidores. Estima-se que as empresas americanas gastaram 19 bilhões de dólares coletando e analisando dados dos usuários somente em 2018, ou seja, é um negócio bastante lucrativo.

Embora estejam surgindo novas leis que buscam regular esse festival de dados, atualmente esse processo segue majoritariamente sem regulamentação e, embora a gente possa apagar nossa conta no facebook ou google em segundos, ninguém garante a mesma eficiência na eliminação do registro dos nossos dados pessoais.

Enquanto isso, a competição corre solta entre as data-based-companies para ver quem descobre primeiro a futura gravidez de uma menina que nem ficou menstruada ainda.

A pergunta "compartilhar com quem?" nos leva de volta ao conceito de vigilância trazido pelo panóptico de Foucault já nas sociedades disciplinares.

A sensação de estar sendo observada é comum às massas desde muito antes do fenômeno da internet, mas nos tempos atuais os mecanismos de observação se tornam surpreendentemente invasivos, reproduzindo de forma mais eficiente os antigos padrões de controle social. Conversando com algumas pessoas sobre o tema, levantei questões que acredito serem representativas da nova vigilância característica da sociedade do espetáculo. São elas:

**Eles me escutam?**

**Precisa tapar a webcam?**

**Quem coleta os dados, hardware ou software?**

**O que que é isso de bolha?**

**Pode tirar foto do cartão de crédito?**

**Pode brincar no faceapp?**



## ✕ The Trackers Tracking You

“Online trackers can be divided into two main categories: same-site and cross-site. The former are mostly benign, while the latter are more invasive.”

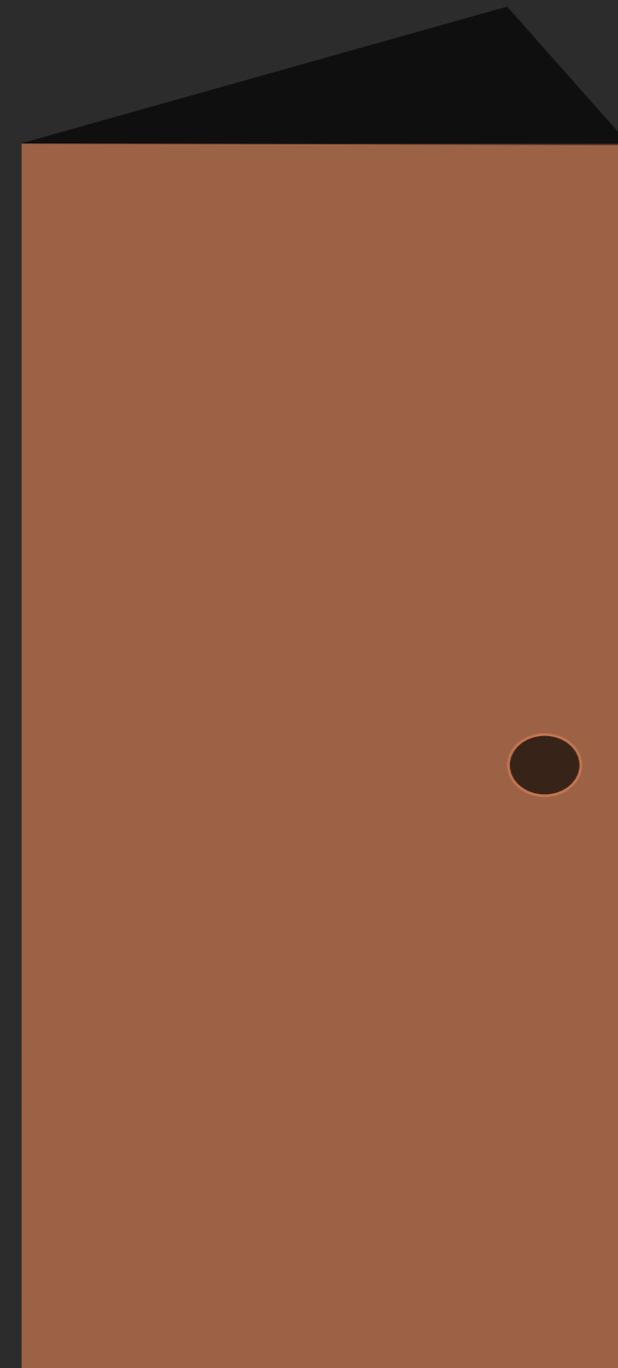
fonte: [The WIRED Guide to Your Personal Data \(and Who Is Using It\)](#)

## Compartilhar COMO?

Na transição do guardar para o compartilhar o design, em especial aquele que pensa, estrutura e desenha produtos digitais ganhou uma nova responsabilidade até então adormecida: mediar a relação entre o usuário e esse novo ambiente onde ele compartilha suas informações pessoais.

Seria equivocado dizer que o UX design é a porta de entrada linda e enfeitada que atrai as pessoas pra dentro desse universo maravilhoso e desconhecido dos dados? A parte do maravilhoso a gente vende bem, mas o desconhecido nem tanto.

Eu acredito que é preciso entender a experiência do usuário além dos mapas de calor e mais profundamente do que a quantidade de cliques necessários para alcançar determinada informação. Se o preço para um fluxo de navegação "sem ruídos" é fazer as pessoas concordarem, por exemplo, com termos e condições que caso bem observados seriam rechaçados, não vale a pena. Já passou da hora de aprofundarmos nossa noção de experiência para além das telas, para os impactos que os cliques terão quando os computadores forem desligados, na vida real.



✓ Aceito!

x

x

# **bibliografia**

## Bibliografia

100k faces generated by AI. Disponível em: <https://generated.photos/>

BEJAMIN, Walter. "O narrador. In: Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994

Better cookie consent experience. Disponível em: <https://www.smashingmagazine.com/2019/04/privacy-ux-better-cookie-consent-experiences/>

Center for human technology. Disponível em: <https://humanetech.com/>.

Chupadados. Disponível em: [www.chupadados.codingrights.org](http://www.chupadados.codingrights.org)

Como o Facebook está patenteando suas emoções. Disponível em: <https://apublica.org/2019/07/como-o-facebook-esta-patenteando-as-suas-emocoes/>

Data Feminism. Disponível em: <https://bookbook.pubpub.org/pub/zrlj0jqb?reading-Collection=09555901>

Data Thinking 2019. Disponível em: [data-thinking-cappra-2019](https://data-thinking-cappra-2019)

DELEUZE, Gilles. "Post-scriptum sobre as sociedades de controle" In: Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

LEVANTAMENTO REVELA QUE 90,5% DOS PRESOS POR MONITORAMENTO FACIAL NO BRASIL SÃO NEGROS. Disponível em: [theintercept.com/presos-monitoramento-facial-brasil-negros/](http://theintercept.com/presos-monitoramento-facial-brasil-negros/)

Fernanda Viegas. Disponível em: <http://www.fernandaviegas.com/>

Giorgia Lupi. Disponível em: [giorgialupi.com/](http://giorgialupi.com/)

Google collects face data now. Disponível em: [www.cnet.com/google-collects-face-data-now-what-it-means-and-how-to-opt-out/](http://www.cnet.com/google-collects-face-data-now-what-it-means-and-how-to-opt-out/)

HALTON, Eugene e CSIKSZENTMIHALY, Myhaly. The Meaning of Things: Domestic Symbols and the Self. Cambridge, 1981

INGOLD, Tim. "Trazendo as coisas devolta a vida". In. Horiz. antropol. vol.18 no.37. Porto Alegre, 2012

LEJEUNE, Philippe. Le pacte autobiographique. Paris: Seuil, 1975

NORMAN, Donald. "Design Emocional". Rio de

Janeiro: Rocco, 2008

SIBILIA, Paula. "O Show do Eu: a intimidade como espetáculo". Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008

SHAPIRO, Bill e WAX, Naomi. "What we keep". Nova York, 2018

Sociedade Disciplinar. Disponível em: <https://medium.com/@ralasfer/notas-vigiar-e-punir-disciplina-e-panoptismo-ec6a25a6b788>

Stefanie Posavec. Disponível em: [www.stefanie-posavec.com/](http://www.stefanie-posavec.com/)

The Natural History of Gmail Data Mining. Disponível em: <https://medium.com/@jeffgould/the-natural-history-of-gmail-data-mining-be-115d196b10>

The WIRED Guide to personal data (and who is using it). Disponível em: <https://www.wired.com/story/wired-guide-personal-data-collection/>

Webflow. Disponível em: <https://webflow.com/>

Web Archive. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20000701000000\\*/www.yahoo.com](https://web.archive.org/web/20000701000000*/www.yahoo.com)

